

**3,6%****DO PIB** É A PROPORÇÃO DO DÉFICIT DAS TRANSAÇÕES CORRENTES DO BRASIL EM RELAÇÃO AO PIB NO ACUMULADO DE 12 MESES ATÉ AGOSTO DESTE ANO

Se o mundo não absorve seus produtos do jeito que fazia, você acaba tendo uma balança comercial cada vez pior.

Cristiano Souza

Economista do Santander

**Jornal do Comércio****6**
QUARTA-FEIRA, 23 DE OUTUBRO DE 2013**5,5****BILHÕES DE**

dólares foi o rombo das contas externas do Brasil em agosto deste ano, mais que o dobro do déficit registrado em igual mês do ano passado

4**PONTOS**

percentuais do PIB era quanto a taxa de poupança dos países mais pobres estava acima da brasileira em 2009, de acordo com estudo da FGV

130**BILHÕES DE**

reais foi a necessidade de financiamento do País no ano passado, superior aos cerca de R\$ 100 bilhões verificados em 2011, segundo cálculos do IBGE



Balanço de pagamentos

O desafio de manter contas externas saudáveis

MARTA VALIM

Basta uma rápida olhada no gráfico de conta corrente ao lado para perceber que as contas externas do Brasil não estão nada bem. O indicador registrou saldo de 2003 a 2006. Desde 2007, porém, só apresenta déficits. A conta de transações correntes, como também é conhecida, reúne os números da balança comercial (exportações e importações), o resultado da balança de serviços e as transferências unilaterais. Quando está deficitária, significa que o Brasil está tomando mais recursos externos do que recebendo. "O que fez a gente mudar em relação às contas externas naquele breve período de 2004 a 2006 foi o boom de commodities, que gerou superávit", lembra Cristiano Souza, do Departamento Econômico do Santander. "Parte da balança comercial não é controlada, é dada pelo cenário mundial que está fraco, mas a importação está ligada a desequilíbrios macroeconômicos que a gente tem e à tentativa da nova matriz econômica de estimular a demanda e não a oferta", explica Cristiano.

Este ano o cenário deve piorar ainda mais. É o que mostram os dados do Banco Central publicados recentemente. O déficit em transações correntes somou US\$ 5,5 bilhões em agosto – mais do que o dobro do resultado negativo de igual mês do ano passado. Nos últimos 12 meses as transações correntes acumularam déficit de US\$ 80,6 bilhões, o equivalente a 3,6% do PIB.

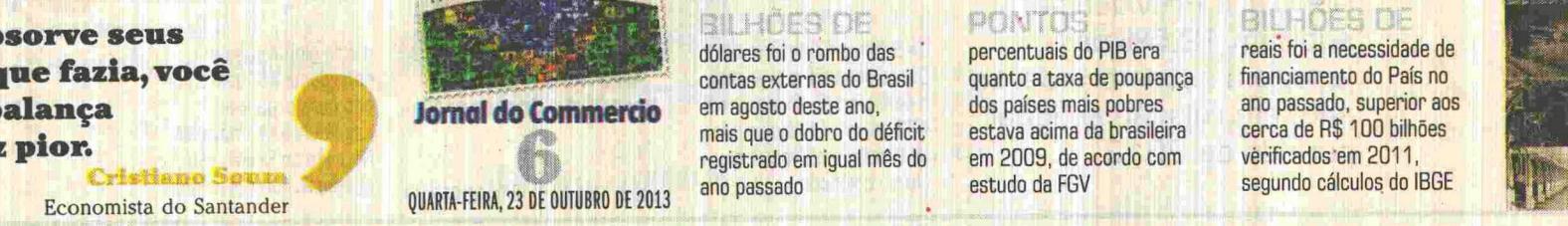
"Se o mundo não absorve seus produtos do jeito que fazia, você acaba tendo uma balança comercial cada vez pior, com déficit de serviços, que é estrutural. O resultado é que temos déficit de conta corrente caminhando para patamares que a gente não via há dez anos", aponta Cristiano Souza.

Analistas avaliam que é cedo ainda para saber com certeza em qual patamar vai chegar o déficit em conta corrente. "Eu acredito que um déficit em conta corrente em torno de 2% a 2,5% do PIB não vai causar grande problemas para as contas externas", afirma o economista Mansueto Almeida.

Eu acredito que um déficit em conta corrente de 2% a 3% do PIB não vai causar grandes problemas para as contas externas

Mansueto de Almeida

Economista do Ipea



É fundamental aumentar a poupança interna

poupança doméstica brasileira se situou no extremo mais baixo de uma ampla amostra de países. De 1995 a 2009, quando flutuou entre um máximo de 18% e um mínimo de 12%, a poupança nacional ficou praticamente todos os anos abaixo da média de cada um dos continentes. A partir de 1996 a trajetória da poupança brasileira segue aproximadamente a média dos países de renda mais baixa. E em 2009, a poupança dos países mais pobres estava quase quatro pontos percentuais do PIB acima da brasileira.

"A gente passou todo esse período de crescimento maior de 2000 até 2010, mas a poupança no Brasil não aumentou muito", conclui Mansueto Almeida.

Quem defende o aumento da poupança interna não quer um cenário de forte redução do consumo e drástica queda das despesas do governo, o que poderia levar a um ciclo perverso: menos consumo impacta nas vendas das empresas, que reduzem a produção, o que provoca desemprego e, por fim, queda da atividade econômica.

14,6%

foi a taxa de poupança no ano passado, a menor desde 2002, quando ficou em 14,7%. Segundo estudo da FGV, a poupança doméstica se situou no extremo mais baixo de uma ampla amostra de países



O que muitos economistas defendem é um gradativo crescimento na taxa de poupança do Brasil, para que, em médio e longo prazos, seja aumentada a capacidade de financiamento sem impacto inflacionário e sem desequilíbrio no balanço de pagamentos.

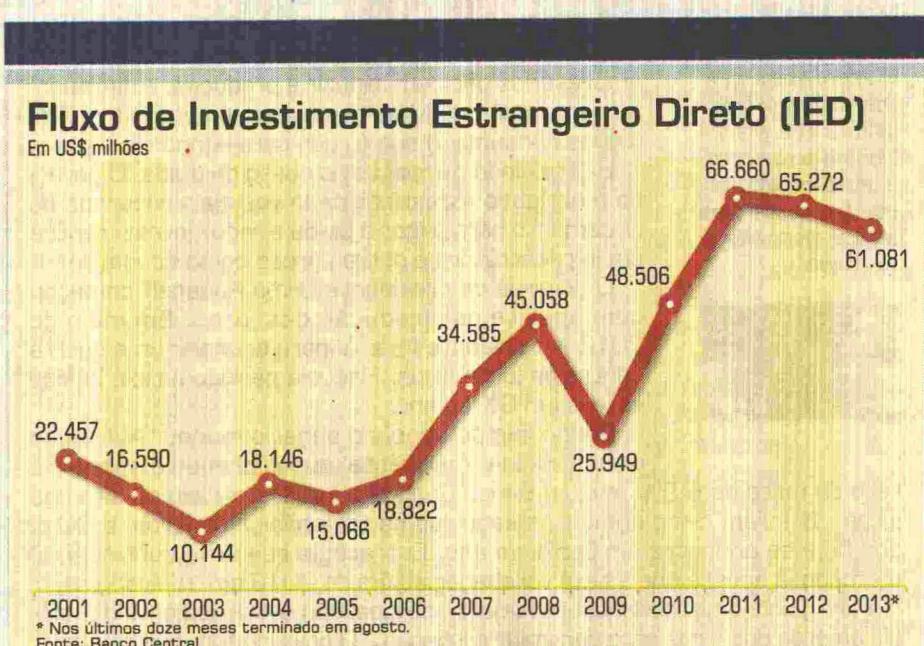
geiro. Se o fluxo diminuir pode desequilibrar ainda as contas externas brasileiras.

Outros analistas apontam que o maior risco para o País agora é a possível transição de uma situação de abundância de capital para outra em que pode ocorrer escassez. Nesse cenário, o Brasil poderia ser prejudicado com a redução do investimento estrangeiro e, consequentemente, um forte desequilíbrio nas contas externas.

PISTAS DE UM NOVO AMBIENTE
internacional pós-crise podem ser encontradas na preocupante desaceleração da economia chinesa com seus impactos sobre as exportações brasileiras, e uma possibilidade cada vez mais concreta da reversão da política monetária americana, que tem injetado bilhões de dólares mensais no mercado para ajudar os Estados Unidos a consolidar a taxa de desemprego.

Uma eventual elevação da taxa dos juros americanos vai atrair pelo menos parte do capital que circulou pelos países emergentes nos últimos anos em busca de melhor rentabilidade. "O Brasil vai ter que conviver com um cenário de que o mundo não o financia tanto", prevê Vinícius Boteiro, professor da FGV.

Os números do balanço de pagamentos do Brasil, registro contábil de todas as transações econômicas e financeiras de um país com outros, estão piorando, e a questão do equilíbrio das contas externas já é motivo de alerta para muitos especialistas. Ainda não se pode dizer, contudo, que o país caminha para uma crise. O déficit em conta corrente está subindo, mas, como proporção do PIB, ainda não está fora de controle, avaliam os especialistas.



déficit, o Brasil precisa cada vez mais de investimento estrangeiro direto (IED). O prejuízo nas transações correntes é financiado pela entrada de capital no País.

O pesquisador da UFRJ Norberto Martins afirma que para manter as contas externas saudáveis é "necessária uma política fundamentalizada em dois passos: no curto prazo, a redução da taxa Selic já seria capaz de diminuir as remessas de juros aos investidores estrangeiros; no médio prazo – e levaria um período maior de tempo para ajuste – uma política industrial bem definida poderia contribuir sobremaneira para a melhoria das con-

tas, em especial, da balança comercial".

A partir de 2007 ocorreu uma forte entrada líquida de investimentos estrangeiros, tanto os diretos em empresas, como os investimentos em títulos e ações no Brasil. O fluxo líquido de capital superou em larga medida o déficit das transações correntes. "Acredito que se a gente fizer o dever de casa, o Brasil aumentar a taxa de investimento, começar a fazer reformas, e crescer em torno de 3% a 3,5% ao ano, a perspectiva de investimento externo é bastante positiva", avalia Mansueto Almeida. Isso, porém, tem um lado negativo: a dependência do País do investimento estran-